

Reportagem

O Brasil é a fuga ao fado da crise para cada vez mais portugueses

A língua, as afinidades culturais e a rede de contactos da comunidade migratória são factores que estão a atrair uma emigração qualificada

Natália Faria (texto)

Paulo Ricca e Daniel Rocha (fotos)

João Afonso Coutinho, de 39 anos, lisboeta, está de malas prontas. Vai instalar-se em São Paulo, no Brasil, em fuga de um mercado publicitário “estagnado, deprimido e onde a única movimentação que existe é para despedir”. Tatiana Moura, de 34 anos, parte de Coimbra para o Rio de Janeiro, onde prosseguirá o seu trabalho ligado à prevenção da violência armada urbana. Já alugou casa lá e brinca com a ideia de ver a sua filha, de quatro anos, falar português em modo gerúndio e com sotaque carioca. São dois exemplos de um novo fluxo migratório que ainda não tem tradução nas estatísticas oficiais: o cada vez maior número de portugueses que decidem arriscar a sorte no Brasil.

São jovens, qualificados, engenheiros, universitários, profissionais ligados ao turismo ou, simplesmente, aventureiros sem nada a perder: nem emprego nem subsídio de desemprego, porque não trabalharam sequer o tempo suficiente para isso, e que, “por mil euros, vão experimentar se a vida corre melhor do lado de lá do Atlântico”. Para se perceber a dimensão do fenómeno, não vale a pena perder muito tempo a esquadrihar as estatísticas oficiais. “À excepção dos que já vão com trabalho assegurado, a maior parte são pessoas que tendem a usar os noventa dias de isenção de visto para entrar e depois começam por ficar a trabalhar ilegalmente, até

porque os processos de legalização são muito complicados”, explica Pedro Góis, do Centro de Estudos Sociais de Coimbra. O investigador José Sacchetta Mendes, do lado de lá do Atlântico, confirma: “É gente que vai chegando, como turista, e que vai ficando. Contam poder regularizar a sua situação mais tarde e, até lá, têm alguma facilidade em passar despercebidos por conta do idioma, que é o mesmo, com a diferença do leve sotaque que às vezes mal se percebe”. Por outro lado, os portugueses estão para o Brasil como os helenos para a antiga Grécia: “Não são brasileiros mas também não são estrangeiros. São assim uma espécie de terceira categoria: há o nacional, o estrangeiro e o português”.

As estatísticas oficiais podem não espelhar esta realidade. Mas nem por isso deixam de evidenciar um crescendo de chegadas. Em 2007, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro, o Governo brasileiro tinha dado 550 autorizações de trabalho a cidadãos portugueses. No ano passado, esse número tinha subido para os 798. E, nos primeiros três meses deste ano, 209 portugueses obtiveram autorização para trabalhar no Brasil, o que corresponde a um aumento de 29 por cento relativamente ao mesmo período do ano anterior.

A caracterização desta nova

Tatiana Moura (à direita na primeira foto) e João Afonso Coutinho: em busca de novos caminhos



leva de emigrantes não difere muito, consoante se trate de legais ou ilegais. “É gente com boa formação, pessoas de classe média, diferente do perfil tradicional do emigrante português, que, em geral, era uma pessoa do povo”, diagnostica José Sacchetta Mendes, autor do livro *Laços de Sangue* (editora Fronteira do Caos, 2010), sobre os imigrantes portugueses no Brasil. “Entre os qualificados, há dois tipos perfeitamente detectados: os engenheiros, civis ou electrotécnicos, e os recém-diplomados, a nível de mestrados ou doutoramentos, que cá vivem de bolsas “pós-doc”, e que vão desenvolver uma carreira académica no Brasil, onde o ensino superior teve um boom gigantesco - com necessidade de doutorados que o Brasil ainda não está a produzir ao ritmo desejável - e onde um diploma europeu ainda é muito valorizado”, especifica Pedro Góis, aproveitando para rebater o “mito” segundo o qual Portugal está a perder a sua mão-de-obra mais qualificada. “Estamos, de facto, a exportar mão-de-obra mais qualificada do que nas vagas migratórias anteriores, mas isso é porque a população portuguesa é mais qualificada e os que estão a emigrar são os jovens, que frequentaram a universidade, e que saem das cidades e já não do meio rural”.

Tatiana Moura parte de

“

Há uma espécie de terceira categoria:

há o nacional,

o estrangeiro

e o português

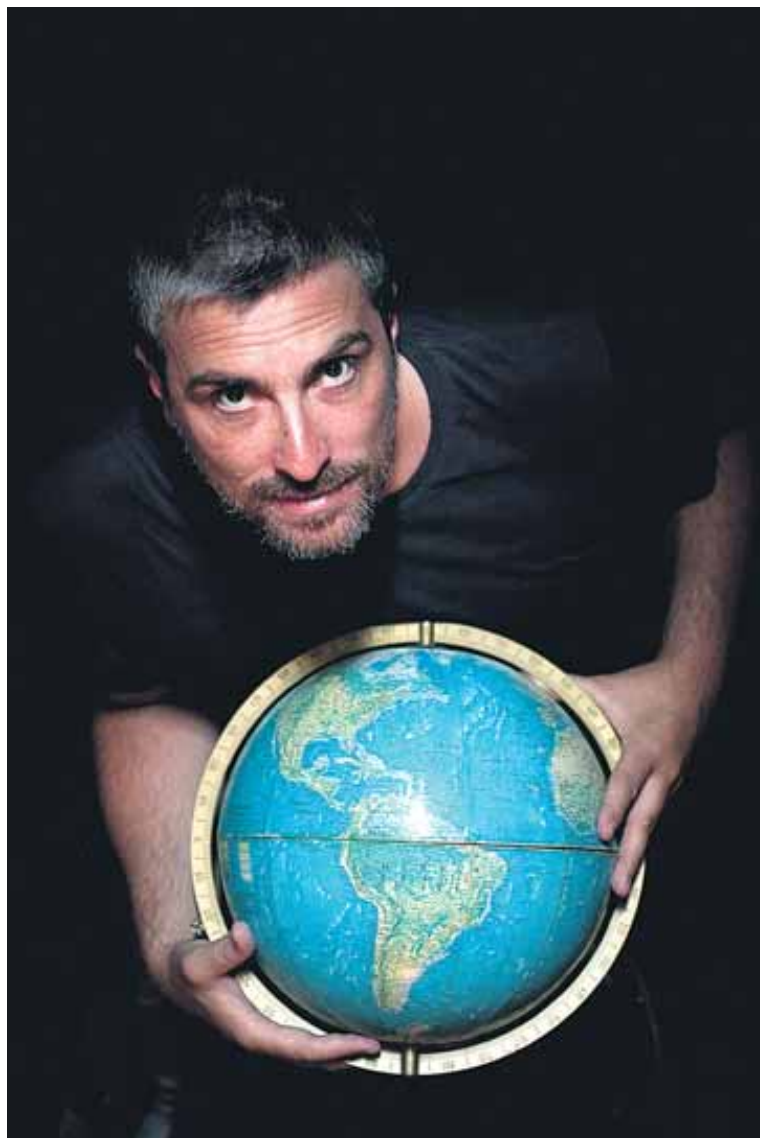
José Sachetta

Mendes,

investigador

”

Coimbra. Foi nos últimos 11 anos investigadora do Centro de Estudos Sociais, mas sem vínculo à instituição. “A minha ligação ao CES foi sempre através de projectos e actualmente estou com uma bolsa de 1.495 euros mensais, paga pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, da qual vou abdicar”. O companheiro, professor de Inglês, também vai (“Não terá muita dificuldade em arranjar trabalho, no ensino ou na tradução”). A filha de ambos, Gabriela, de quatro anos, idem. O contrato de Tatiana é de três anos como directora executiva do Instituto Promundo, uma ONG voltada para a prevenção da violência contra mulheres, crianças e jovens. “Vivi dois anos no Rio de Janeiro, entre 2005 e 2007, onde coordenei alguns projectos sobre violência armada urbana e a Promundo tinha sido nossa consultora. Quando me convidaram, hesitei muito porque a minha família toda está cá, eu teria que criar toda uma nova rede social e, por outro lado, tinha uma relação de muito respeito com o CES...”. O que a puxou então? “A relação de conforto que tenho com o Rio de Janeiro, pela calçada portuguesa, pela língua, adoro a cultura musical e cinematográfica deles...”. Mas foi mais do que isso. Foi a certeza de que o salário vai compensar, apesar de perder a escola pública e a rede familiar. E foi, sobretudo, “a diferença entre o optimismo que



lá se respira na rua e a ansiedade, a tristeza e a desilusão que se sentem em Portugal”.

O gatilho de João Afonso Coutinho, até há umas semanas director criativo numa agência publicitária, em Lisboa, não foi muito diferente. “As perspectivas de a minha vida melhorar aqui eram nulas e isso assustava-me”. Não ganhava mal, aliás, acumulou alguns prémios criativos, mas ganhava menos 25 por cento do que há algum tempo, na sequência dos cortes “voluntários” no salário. “Era aceitar ou ir para a rua”. A espada permanentemente apontada à garganta. “Aqui trabalha-se sempre à espera do pior. Há uma total ausência de perspectivas e respira-se uma grande ansiedade e uma grande inquietação, sobretudo entre os seniores que têm salários mais altos”. Em 2009, a sua agência funcionava já com metade dos funcionários. “Houve departamentos que se extinguíram, alguns clientes adaptaram as campanhas que tinham há dois ou três anos, outros avisaram já que para o ano não vão poder investir...”. Era ficar, esperando o azar de outros, ou aceitar o desafio de trocar um mercado de 10,5 milhões de consumidores por outro de 200 milhões. A ganhar o triplo, ainda por cima. “Vou para a Ogilvy, que tem clientes como a Coca-Cola e a Motorola, para um cargo hierarquicamente inferior ao que

ocupi até agora, mas a trabalhar num mercado de primeira liga”. Faz 40 anos em Outubro e sentiu: “Este é daqueles comboios que não passam duas vezes”.

João parte em Agosto. Tatiana em Setembro. Ela já alugou casa em Ipanema, perto do mar. Assim que aterrar, a prioridade vai ser arranjar escola para a filha. João e a mulher vão ficar num *flat*, numa das zonas nobres de São Paulo, “com lojas, restaurantes, onde se pode andar tranquilamente a pé”. Tatiana não tenciona ter carro, para não correr riscos desnecessários com a filha. “Havia bairros mais baratos, mas preferi Ipanema, onde vou estar muito perto do mar, e com metro à porta”. Outra vez João, em discurso directo: “Vou com contrato de dois anos. Ganhar *curriculum* e experiência de vida. É o pior que pode acontecer”. Não é o espírito tradicional do emigrante, que sai para amealhar. E procurar-se correspondências entre estes novos emigrantes e o estereótipo do português, barrigudo e de bigode, que vai para o Brasil trabalhar no comércio ou no fabrico de pão, por mais redutor que este seja, também é tarefa gorada à partida. Até por causa do proteccionismo que protege o mercado brasileiro do trabalho. “Eles têm de justificar a contratação de um estrangeiro, e claro que isso é mais fácil quando se trata de uma pessoa com créditos no país de origem, premiada,

“

**Este é daqueles
comboios que não
passam duas vezes**

**João Afonso
Coutinho,
publicitário**

”

Um fenómeno com precedentes

Já foram muitos mais os portugueses a residir no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os censos brasileiros de 2000 apontaram para a existência de 175.794 portugueses do outro lado do Atlântico. Na realidade, serão muitos mais: estes dados oficiais contemplam apenas os nascidos em Portugal, deixando de fora as gerações seguintes, com nacionalidade portuguesa ou dupla mas nascidos no Brasil.

Na anterior operação censitária, em 1991, eram 224.849. Se recuarmos até 1970, os portugueses no Brasil eram mais do dobro: 410.216.

“O fenómeno da emigração portuguesa para o Brasil estancou dos anos 60 para cá, mas, se voltar a acontecer, não é mais nada que o habitual na relação histórica entre os dois países”, contextualiza Sacchetta Mendes, cujo livro conclui que, entre 1822 e 1950, entre a independência do Brasil e o fim do Estado Novo, 1,9 milhões de portugueses emigraram para o Brasil.

“Muitos acreditavam que essa emigração em massa havia terminado, porque os portugueses tinham dentro do espaço europeu uma realidade económica que lhes permitia permanecer no país ou, pelo menos, em solo europeu”,

prosegue Sacchetta.

“De facto, o Brasil passou um mau bocado economicamente, desde 1960 até à última década”, corrobora Pedro Góis. Em 2000, 70 por cento dos emigrados no Brasil tinham chegado ao país antes de 1960 e 46 por cento tinham 65 ou mais anos de idade, segundo o Observatório da Emigração. Agora, com uma crise à escala europeia e o Brasil em período de expansão, alavancado por eventos como o Mundial de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, preponderam a afinidade linguística, o transporte aéreo facilitado e as redes migratórias “que fornecem contactos e conhecimentos e que diminuem a dose de risco”.

Perceber se estes novos emigrantes vão por períodos curtos ou para ficar é o desafio que se coloca agora. “Não há nada mais permanente do que a emigração temporária, porque todos vão por períodos curtos e alguns ficam duas gerações”, sublinha o investigador do CES, para notar que esta emigração para o Brasil, assim como para Angola, se reveste de alguma especificidade: “Do mesmo modo que tivemos fluxos migratórios de brasileiros para cá, isto funciona como contrafluxo que não tem paralelo com os outros destinos migratórios”.

reconhecida no mercado...”, explica João Afonso Coutinho. “O processo para obter o visto é muito burocrático. O meu está a ser tratado por uma empresa contratada pela agência onde vou trabalhar e eles pedem uma enormidade de papéis”.

Por causa das dificuldades na obtenção de visto é que Marisa Rodrigues, de 31 anos, ainda está a residir em Portugal. Em Fevereiro, esteve no Brasil e até arranjava trabalho numa companhia de teatro no Rio de Janeiro, mas exigiam-lhe “o equivalente ao número de contribuinte, que não tinha porque não tinha visto”. Veio-se embora dois meses depois. “A não ser que se vá com um pedido de trabalho internacional, é muito difícil reunir as condições para permanecer lá legalmente e, sem isso, não me davam trabalho”. De regresso à “prisão europeia”, mas ainda com vontade de “mudar de registo”, migrou do Porto para Lisboa, à espera de melhor oportunidade para “fazer parte daquilo que está a acontecer no Brasil”.

O recrudescimento da vaga migratória para o Brasil difere das anteriores também porque se estende aos empreendedores, nomeadamente pequenos empresários, donos de *start ups* que, fartos de um mercado atrofiado, seguem no enalço dos gigantes. “Temos uma filosofia de seguir os nossos clientes e, muitos

deles, do sector da construção, dos centros comerciais e da área alimentar, já foram para o Brasil”, conta Luís Ribeiro, da Ewen Energy, uma empresa que emprega nove pessoas, sediada em Vila Nova de Gaia e que, desde 2004, opera na área da eficiência energética e das energias alternativas. Em 2010, facturou meio milhão de euros. Este ano, já suplantou esse valor. “Fazemos auditorias energéticas e, uma vez identificadas as oportunidades de eficiência, concretizamos os projectos. Estamos a tentar ir para o Brasil para ganhar escala, porque o mercado nacional é curto e a nossa ideia era encontrar lá parceiros que nos permitam explorar a área industrial e não só dos edifícios”. Porquê o Brasil? “Pela escala, pela facilidade de relacionamento cultural e pelos contactos que já lá temos estabelecidos”. Será São Paulo ou talvez Florianópolis, dependendo do parceiro que vier a ser escolhido. “O objectivo é deslocar para lá alguns quadros, no fundo, exportar o nosso *know how*”, especifica Luís Ribeiro, de 41 anos, sobre um projecto em que anda a matutar há mais de um ano. “A questão dos impostos lá é muito complexa, mas, quanto ao resto, estive lá três semanas e os resultados, no que respeita à oportunidade de parcerias, superaram as minhas expectativas”.